

CAPÍTULO 15

Novas perspectivas morais em prática: ética, excelência e engajamento na sala de aula

Marília Amando de Barros

Valéria Arantes

15.1 Introdução

Neste capítulo, apresentaremos uma proposta inovadora de ensino moral no âmbito da educação infantil utilizando os preceitos do bom trabalho para propor atividades que promovam o entendimento de conceitos éticos, que considerem a excelência dentro da sala de aula e proporcionem o engajamento dos alunos. Temos como desafio a articulação do ensino explícito de valores e das exigências curriculares dessa etapa.

O conceito do *bom trabalho* foi elaborado por três autores importantes no campo da psicologia moral: Howard Gardner, Mihaly Csikszentmihalyi e William Damon (2001). Durante a década de 1990, os pesquisadores se reuniram em torno de um problema em comum, pois percebiam um distanciamento ético entre as atitudes e as expectativas de profissionais em diferentes campos de atuação. Iniciaram então uma investigação que entrevistou uma série de profissionais, em diferentes momentos da carreira. O resultado dessa pesquisa foi a elaboração de um perfil do bom

profissional, organizado em torno dos eixos *ética, excelência e engajamento*. Assim, o trabalhador ideal seria aquele que assume uma postura ética no cotidiano de seu trabalho, que é preocupado com a execução técnica excelente de seu ofício e que se identifica de uma maneira pessoal com o trabalho realizado.

Nosso trabalho propõe uma ampliação do conceito do bom trabalho. Ao olharmos para a essência desse construto, vemos que valores fundamentais para um bom trabalhador podem ser utilizados para refletir sobre os valores desejáveis para um bom cidadão. Idealmente, um membro ativo e participativo da sociedade tem uma postura ética em relação ao seu entorno, considerando o impacto de suas escolhas nos outros e no ambiente; esse cidadão ideal também se esforça para produzir um trabalho de qualidade com excelência técnica; por fim, o cidadão identifica atividades pessoalmente significativas e se debruça sobre elas, agindo com engajamento, excelência e ética.

15.2 O bom trabalho e a educação infantil: ampliando percepções

Para aprofundarmos o entendimento do construto do bom trabalho, é interessante discutirmos o próprio significado da palavra “trabalho” em português e no original em inglês, “*work*”. Quando analisamos a utilização do termo na língua original, vemos que ele se aplica a uma ampla variedade de atividades, pois o termo “trabalho” é utilizado dentro e fora do campo profissional, para designar aqueles que se dedicam a ocupações. Desde a resolução de um problema matemático, a confecção de um cachecol de tricô, uma análise financeira aprofundada ou uma escultura de massinha feita por uma criança, uma série de ocupações podem ser denominadas “trabalho”. Assim, quando Gardner, Csikszentmihalyi e Damon (2001) se referem à realização de um “bom trabalho” no âmbito profissional, podemos também abstrair esse primeiro sentido e refletir sobre a interação do sujeito com o mundo de forma mais ampla.

A pesquisa do bom trabalho reuniu uma equipe interdisciplinar de pesquisadores que investigam o construto sob diferentes facetas, em diversos países do mundo.¹ Uma parte importante das pesquisas realizadas aplicam as ideias do bom trabalho em instituições escolares de diferentes níveis e localidades.² Os pesquisadores envolvidos com o projeto elaboraram um material para orientar gestores e auxiliar

1 Para mais informações sobre o projeto e os pesquisadores que o compõem, acesse: <https://www.thegoodproject.org/>.

2 Para ter acesso ao catálogo completo de artigos publicados, acesse: <https://www.thegoodproject.org/paper-database>. Para o catálogo de livros publicados, acesse: <https://www.thegoodproject.org/books-1>.

professores a planejarem aulas, projetos e sequências pedagógicas que levem em consideração os eixos de ética, excelência e engajamento (The Good Project, 2022).

Dentro desse amplo escopo de aplicações do bom trabalho, uma série de pesquisas investigam a aplicação do construto na educação de jovens e adultos de diferentes níveis socioeconômicos, na formação de pedagogas e de professores e na criação de um ambiente escolar positivo (Chia, 2011; Easley, 2014; Morway *et al.*, 1998/2021; Nikitina, 2002; Nikitina & Mansilla, 2003; Pátaro & Arantes, 2022). As pesquisas aqui citadas representam como o conceito do bom trabalho inspirou pesquisadores a investigarem diversos aspectos de sua utilização em escolas. Elas demonstram a articulação de conceitos morais com o currículo, a importância da reflexão das dinâmicas pessoais e profissionais na formação de professores e o impacto positivo no desenvolvimento identitário e moral dos estudantes.

Quando olhamos para o bom trabalho como uma teoria que condensa valores desejáveis e que promove a reflexão sobre o estudo e trabalho de alunos e professores, vemos seu potencial dentro da escola. Além de repensar a dinâmica entre alunos e professores, os preceitos do bom trabalho colocam em foco a estruturação cognitiva de conceitos e conhecimentos. Essa estrutura é alcançada por meio de um trabalho interno e coletivo contínuo, em que diferentes temas e áreas do conhecimento estejam em relação.

A pesquisa por nós desenvolvida procura preencher uma lacuna nos estudos pedagógicos sobre o bom trabalho ao propor que o uso deste seja ampliado para a educação infantil. A transposição de uma teoria de origem profissional para o contexto lúdico e de brincadeiras de uma escola para crianças pequenas é possível quando extraímos a essência dos conceitos elaborados por Gardner, Csikszentmihalyi e Damon (2001), ou seja, quando analisamos o que constitui a estrutura da teoria e trazemos à luz o que significa produzir um bom trabalho, que seja ao mesmo tempo socialmente ético, pessoalmente engajante e tecnicamente excelente.

O currículo da educação infantil convida professores e gestores a elaborarem vivências múltiplas, que integram conhecimentos – cenário perfeito para o desenvolvimento de projetos múltiplos que dialoguem com a ética, o engajamento e a excelência. A Base Nacional Comum Curricular [BNCC] (Brasil, 2018) estipula seis campos de experiências que orientam os aprendizados dessa etapa da educação básica: o eu, o outro e o nós; escuta, fala, pensamento e imaginação; corpo, gestos e movimentos; traços, sons, cores e formas; espaços, tempos, quantidades, relações e transformações.

Cada um desses campos de experiência propõe vivências coletivas, permeadas pela brincadeira e socialização. A brincadeira é entendida como forma primordial

da criança significar seu mundo, elaborar percepções e papéis sociais e se comunicar com seus pares e adultos (Dias, 1996; Whitebread, 2018). Dentro de um contexto de educação infantil, a socialização, a brincadeira, a manipulação de materiais variados e a exploração do espaço são aspectos fundamentais do desenvolvimento social e cognitivo infantil (Immordino-Yang *et al.*, 2019).

Crianças pequenas e muito pequenas vivenciam suas experiências de forma concreta e física, abstraindo sentido a partir dos elementos palpáveis à sua volta (Immordino-Yang *et al.*, 2019). Essas características destacam a importância da manipulação de objetos e da exploração de uma variedade de materiais e texturas pela criança pequena. A interação das crianças com o mundo físico à sua volta é tão importante para o desenvolvimento nessa faixa etária que levou o educador italiano Loris Malaguzzi a chamar o ambiente escolar de “terceiro professor” (Malaguzzi, 1999). Por meio da livre exploração do ambiente e recursos disponíveis, crianças pequenas ampliam sua independência, além de exercer com agência seus interesses e criatividade (Gandini, 1999).

Assim, uma perspectiva pedagógica que incorpore aspectos morais em sua prática cotidiana deve também incorporá-los de forma lúdica ao aprendizado de conceitos e considerar a organização do tempo e do espaço dentro da sala de aula. O trabalho do educador americano, Ron Berger é uma perspectiva educacional que dialoga com os preceitos do bom trabalho, articulando de forma prática o que ele chama de “pedagogia da excelência” (Berger, 2003). Seu foco se dá na criação de trabalhos profundos e impactantes pelas crianças, que trabalham o currículo por meio de projetos.

Nas obras de Berger (2003, 2019 e 2020), os conceitos de excelência e ética ocupam um lugar central, enquanto o conceito de engajamento não aparece. O autor não faz referência ao bom trabalho em sua obra, mas ao fazermos a leitura concomitante de seus trabalhos com as que elaboram o construto, vemos que sua perspectiva educacional dialoga com os três eixos construídos por Gardner, Csikszentmihalyi e Damon (2001). Com isso promoveremos, então, articulações entre a prática pedagógica inaugurada por Ron Berger e a teoria do bom trabalho.

Na rede de escolas coordenada por Ron Berger, os projetos são o centro do processo de aprendizagem. Por meio do estudo aprofundado de um tema, alunos de todas as idades se engajam em diferentes atividades que dialogam com o objeto de estudo. Os trabalhos produzidos são revisitados continuamente, tanto de forma coletiva quanto individual, em um movimento cíclico que promove o apoio entre estudantes e contribui para a formação de uma cultura de sala acolhedora e positiva (Berger, 2003, 2019, 2020).

Um dos elementos centrais em sua proposta pedagógica é a incorporação do erro como uma parte positiva do processo de aprendizagem. Ou seja, Berger desconstrói a visão tradicional de resultados e erros nos trabalhos escolares, em que o aluno possui uma única oportunidade de entregar o seu trabalho e ter o seu desempenho avaliado. Na contramão desse pensamento, Ron Berger cria uma cultura escolar em que os trabalhos são realizados contínua e coletivamente, sendo constantemente aperfeiçoados e aprofundados. O resultado disso é a criação de trabalhos relevantes e densos, que valorizam a troca entre pares.

Com essa visão voltada para a produção cuidadosa de trabalhos excelentes, que se transformam em motivo de orgulho para os alunos pela própria potência e força dos trabalhos, Berger identifica um crescimento significativo da autoestima das crianças. Os projetos realizados pelo autor e por sua equipe de educadores consideram a aplicação de conhecimentos científicos em situações reais, que podem beneficiar as comunidades do entorno. Um exemplo desses projetos foi a criação de um livro de histórias por crianças do ensino infantil (Berger, 2003).

Os alunos visitaram uma casa de repouso e entrevistaram seus moradores, coletando histórias de suas vidas e elementos que alimentaram a sua investigação na sala de aula, como a trajetória de seus familiares, seus gostos e interesses, seu ramo de trabalho etc. A partir das informações que obtiveram, as crianças criaram um livro para cada um dos entrevistados, com desenhos, relatos e ilustrações de diferentes momentos de suas vidas. Por fim, os alunos realizaram um projeto artístico no qual escavaram uma maçã a fim de representar cada idoso e mergulharam-na na água com sal, a fim de envelhecer a maçã e criar um aspecto enrugado. Então, a turma retornou ao asilo e apresentou a investigação que realizaram sobre as vidas de seus moradores, criando um vínculo entre a escola e a comunidade em seu entorno.

Projetos como esse contém elementos que dialogam com os três eixos apresentados por Gardner, Csikszentmihalyi e Damon (2001). Ao criar narrativas das vidas dos idosos, as crianças estão articulando suas capacidades expressivas e de representação criativa da realidade; quando escrevem partes de suas histórias e criam ilustrações para suas narrativas, estão trabalhando com habilidades motoras e cognitivas essenciais para se desenvolver como escritores competentes; ao perceber as diferenças entre crianças, jovens e adultos, assim como as transformações na textura da maçã, estão ampliando seu conhecimento de mundo e das transformações temporais e materiais por quais todos passamos. Todos esses conceitos estão presentes no currículo da Educação Infantil (Brasil, 2021), e auxiliam as crianças a criar as bases de conceitos que irão se complexificar ao longo de suas trajetórias escolares. Essa profundidade de ideias e pensamentos está intimamente conectada com a ideia de excelência do bom trabalho.

Ao longo da investigação sobre os idosos e a vidas deles, as crianças foram convidadas a refletir sobre suas próprias relações, trajetórias e membros familiares. A vida de seus bisavós, avós, pais, tios, irmãos, toda a rede familiar que cerca a criança foi repensada a partir dessa ótica de olhar para o outro. Nesse sentido, a investigação sobre o outro convida a um olhar para si, dialogando com o sentido e a construção da identidade da criança. Esse processo de construção identitária e a identificação de particularidades em si mesmo e nos outros dialoga com o eixo de engajamento do construto aqui utilizado.

Por fim, a perspectiva ética surge no relacionamento com os idosos da casa de repouso. Ao levar as crianças para conhecer e entrevistar os idosos que lá moravam, os professores estão traçando uma ponte de diálogo e interação com uma população vulnerável e muitas vezes carente de atenção. Não só as crianças visitam os idosos, mas também colocam em evidência suas histórias, valorizando as diferentes vivências e criando personagens a partir de suas trocas. Dessa forma, entram em diálogo com a comunidade do entorno, expandindo o escopo do aprendizado para além do eu, incluindo o pensamento sobre o outro na dinâmica de aprendizado.

A partir desta leitura do trabalho do time de professores coordenado por Ron Berger, e do bom trabalho como uma estrutura teórica robusta, elaborada por Gardner, e Damon, elaboramos atividades que propunham a incorporação de valores na prática cotidiana de uma sala da educação infantil. Na seção seguinte vamos apresentar o desenho geral da pesquisa e um estudo de caso. Por fim, na terceira parte deste capítulo, faremos o diálogo entre a teoria e a prática.

15.3 Pesquisa: valores, conceitos e brincadeiras

Pesquisas e intervenções que utilizam preceitos do bom trabalho já foram aplicadas em diversos níveis escolares, mas na Educação Infantil estão apenas começando. Nossa pesquisa colocou em diálogo a formação moral da criança – sustentada pelo construto do bom trabalho –, um olhar para o desenvolvimento integral da criança e do currículo do segmento na Base Nacional Comum Curricular.

Ao longo da pesquisa, realizamos uma série de atividades que visavam estimular o desenvolvimento moral, social e acadêmico de crianças de três e quatro anos. A sala era composta por treze crianças, em uma escola internacional de alto padrão na zona oeste de São Paulo. Uma característica significativa para a realização das intervenções é a organização do tempo nessa escola, pois ela coloca em evidência a exploração do espaço pela criança, proporcionando-lhes um tempo reduzido de aulas com exposição conceitual e permitindo-lhes explorar de forma livre o espaço escolar e os materiais que estão dispostos. Dessa forma, além das sessões explícitas

de conteúdo, as crianças puderam interagir com o ambiente, intencionalmente preparado pela pesquisadora a fim de dar continuidade aos conceitos abordados durante as aulas.

A partir da articulação entre valores, desenvolvimento infantil e currículo, elaboramos uma série de jogos e brincadeiras em equipe, investigamos o tema do fundo do mar com um olhar acadêmico e exploramos de forma intencional e explícita os valores de justiça, empatia, respeito e gentileza. Além disso, planejamos materiais e provocações que pudessem ser utilizados de forma independente pelas crianças, convidando-as a aprofundar seu aprendizado de forma independente. Cada uma dessas atividades articulou os três eixos do bom trabalho com os seis campos de experiência propostos pela BNCC.

Um elemento fundamental das intervenções realizadas foram as sessões de esclarecimento posteriores às atividades. Inspiradas pela dinâmica de exploração de valores de Ron Berger e das escolas da EL Education (Berger, 2020), as sessões de esclarecimento ocorriam logo após as atividades, e tinham como objetivo a explicitação do aprendizado e a discussão coletiva das facilidades e dificuldades da realização dos jogos. Esse momento auxiliava as crianças a olharem para as brincadeiras de uma forma mais intencional, além de estimular a articulação de ideias e opiniões.

A primeira atividade realizada foram os jogos coletivos, que articularam os eixos de ética e engajamento com os campos de experiência “O eu, o outro e o nós” e “escuta, fala, pensamento e imaginação”. Esses jogos foram realizados diversas vezes para que as crianças tivessem um maior domínio da estrutura do jogo e pudessem focar nas diferentes demandas e desafios crescentes. Eles tinham como cerne o desenvolvimento do sentimento de trabalho em equipe e estimulavam a cooperação entre as crianças, que deviam mudar de estratégia conforme os desafios exigiam.

Com os jogos coletivos, estabelecemos rotinas dentro da sala de aula que valorizavam o conhecimento individual dos alunos e descentralizaram a figura da professora como a única fonte de aprendizado. Com isso, propomos o reconhecimento de “talentos” na sala de aula. Cada criança tinha seu próprio talento, como escrever algumas letras, desenhar corações, equilibrar blocos sem deixá-los cair, entre outras habilidades infantis. Quando uma criança precisava de ajuda com algo dentro da área de talento de seus colegas, a professora a encorajava a procurar seus amigos, estimulando as crianças a olharem umas para as outras em busca de ajuda, ao invés de depender sempre do adulto.

Além dos estímulos à colaboração dentro da sala de aula, realizamos uma série de aulas explícitas sobre valores, articulando os eixos de ética e excelência com os campos de experiências “O eu, o outro e nós” e “corpo, gestos e movimentos”. Nessas

aulas, exploramos os valores de *justiça, empatia, respeito e gentileza*. Esses valores foram apresentados de uma forma simples, de forma que crianças de três e quatro anos pudessem entender. Ao longo das intervenções, a pesquisadora utilizava de forma consistente o vocabulário explorado conjuntamente, a fim de modelar a sua utilização na interação cotidiana. Além disso, utilizamos gestos para compor a compreensão infantil de forma visual, com gestos simples com as mãos para se referir a cada valor.

Quando falamos de respeito, focamos no contato com o outro, utilizando o olhar e a escuta; o valor de justiça foi discutido por meio da contraposição com a injustiça, ao falar de situações concretas como a divisão de brinquedos; a ideia de empatia foi introduzida a partir da reflexão sobre o outro dentro de nossas ações por meio da pergunta “Como meu amigo vai se sentir com essa ação?”; por fim, o conceito de gentileza foi utilizado de maneira concreta, por meio de ações e gestos que geram felicidade, enquanto gestos rudes geram tristeza. Essa foi uma primeira aproximação das crianças com os valores e sentimentos citados, então era necessária uma simplificação para seu entendimento. Reconhecemos que há muitas mais nuances de emoções e situações, mas essas percepções serão complexificadas ao longo de seu desenvolvimento.

Em geral, essas sessões se iniciavam com uma narrativa lúdica de uma situação fictícia ou que aconteceu na sala de aula. Utilizamos fantoches e ilustrações para aproximar as crianças ao entendimento dos sentimentos dos personagens envolvidos e pedimos que ajudassem os personagens refletindo sobre a situação narrada e dando-lhes conselhos. Após a contação de história e análise coletiva dos sentimentos, discutimos o entendimento das crianças sobre os conceitos apresentados e as encorajamos a refletir sobre suas próprias experiências, dentro e fora da escola.

Por fim, ilustramos a articulação dos eixos de excelência e engajamento com os campos de experiências “Traços, sons, cores e formas”, “escuta, fala, pensamento e imaginação”, “Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações”. Exploramos o tema do fundo do mar como uma oportunidade de explorar valores de forma combinada ao currículo da educação infantil. Ao longo dessa exploração, seguimos os interesses das crianças, respondendo de forma ativa às suas inclinações e questionamentos.

Além da leitura de livros relacionados com o mar, criamos um peixe betta e realizamos explorações imaginativas do fundo do mar e da praia. Atividades com areia e água foram fonte de estímulos sensoriais e inspiraram a criação de brincadeiras, histórias e narrativas. A amplitude do tema do fundo do mar permitiu a

realização de uma gama de atividades curriculares, tanto de forma explícita em aula quanto de forma integrada ao ambiente da sala de aula.

Conforme discutimos anteriormente, a exploração do ambiente na educação infantil é fundamental para a apreensão concreta de conceitos pela criança pequena. É por meio das brincadeiras, das criações e do engajamento com os materiais e recursos em sua volta, que a criança pequena desenvolve e aprofunda seus interesses e aptidões. Por isso, a pesquisadora preparava o ambiente de forma intencional, criando oportunidades para o desenvolvimento de diferentes habilidades e refletindo sobre as respostas das próprias crianças. Com isso, foi possível absorver o currículo desta etapa da educação básica de forma integrada aos valores e preceitos trabalhados.

A proposta pedagógica exposta ao longo deste capítulo articula aspectos curriculares e morais, costurados de forma harmônica por meio das lentes do Bom Trabalho. Dessa forma, contribuímos para o avanço de estudos específicos dos princípios do Bom Trabalho, assim como propomos uma perspectiva teórica coerente para a Educação Infantil. Na sequência damos visibilidade àquelas mudanças no comportamento moral que observamos nos alunos a partir da análise de um momento de interação espontânea.

15.4 A educação moral e as práticas escolares dialógicas

As atividades apresentadas aqui tiveram como objetivo discutir valores e conceitos morais de forma explícita e estruturada, assim como proporcionar vivências e momentos livres nos quais as crianças pudessem vivenciar os aprendizados e colocar em prática os valores de forma independente. Integrando diferentes eixos do bom trabalho com o currículo da educação infantil da Base Nacional Comum Curricular, as intervenções criaram um diálogo ativo entre o desenvolvimento moral infantil, as expectativas curriculares e o ensino de valores na sala de aula.

A seguir apresentamos a interação entre duas crianças, fruto de gravação feita por nós, a fim de dar visibilidade ao processo por nós observado, de como as crianças constroem seus valores durante brincadeiras e interações:

“Nesta sequência, Sofia³ se inspirou com o uso de ursinhos coloridos em um arranjo que sua colega fez. Ao passar pelos ursinhos, disse ‘Nossa, que lindo!’ e começou a procurar algum material com o qual pudesse trabalhar com cores também. Ela achou uma cestinha com números coloridos e começou a colocá-los um do lado do outro, fazendo um círculo na borda do banquinho da sala.”

3 Nomes fictícios.



Figura 15.1 Sofia decorando o banquinho com os números e Pedro (ao fundo).

Durante o trabalho, Sofia constantemente parava para avaliar seu desempenho, olhando atentamente para as cores que estavam se formando e ajeitando um ou outro número. Em determinado momento, ela colocou os braços para cima e comentou: “Está ficando lindo!”. Durante a atividade iniciada por ela mesma, buscou a conexão com uma amiga próxima, dizendo que estava fazendo uma cadeira de números para ela se sentar. Sofia continuou concentrada na brincadeira, e escolheu diversos números até que eles preenchessem toda a volta do banquinho. Quando terminou o seu trabalho, olhou orgulhosa para o arranjo que havia feito e celebrou com as duas mãos para cima, comentando como o banquinho estava lindo. Ao perceber sua comemoração, um amigo se aproximou e viu como estava colorido o trabalho de Sofia. Pedro então compartilhou da alegria da amiga, dizendo-lhe “Esse é o banquinho mais lindo que eu já vi”. (Amando de Barros, 2023).

Nessa interação, vemos diversos elementos trabalhados ao longo das intervenções. De início, Sofia se inspira no trabalho de outra criança, valorizando o esforço e trabalho da colega. Em seguida, utiliza elementos do trabalho de outrem em seu próprio trabalho, e começa a fazer seu próprio arranjo com cores e números. Ao longo da atividade autoiniciada, Sofia avalia seu próprio desempenho, colocando em prática habilidades de autoavaliação desenvolvidas ao longo das sessões de esclarecimento. Em seguida, busca a interação com uma amiga, dedicando a ela o

banquinho de números. Por fim, seu amigo Pedro percebe a alegria de Sofia e se junta à amiga, celebrando suas conquistas. Além disso, o amigo usa palavras gentis para se referir ao banquinho de números, utilizando o vocabulário explorado durante as aulas sobre valores.

Desde o início do ano letivo, os meses de intervenções e estímulo cotidiano à interação positiva entre as crianças auxiliou-as a construir ferramentas internas para conviverem de forma empática, respeitosa, gentil e justa. Ao longo do ano letivo, vimos os diálogos entre as crianças gravitarem de interações mediadas pela professora para interações mais independentes, que conseguiam ser moderadas pelas próprias crianças. Num primeiro momento, o adulto funcionava como um pivô central nas relações das crianças, fornecendo um constante suporte entre os diálogos e interações infantis.

As intervenções, e o uso consistente de linguagem e gestos para reforçar o aprendizado, tiveram um impacto positivo no estabelecimento de relacionamentos e convívio harmonioso entre os treze alunos da sala. Por meio da exploração explícita de valores e da linguagem consistente e cotidiana, pudemos observar como as crianças começaram lentamente a incorporar em suas atitudes e interações os conceitos e linguagem explorados durante as aulas.

A valorização do coletivo, ao mesmo tempo que leva em consideração os interesses e disposições individuais e o destaque para um trabalho significativo e aprofundado com conceitos está no cerne da exploração dos eixos de ética, excelência e engajamento na sala de aula. O processo de reflexão moral sobre suas próprias ações é lento e constante, e foi estimulado pelos momentos de esclarecimento de sentimentos e atitudes, estabelecendo pontes com valores de forma simples e apropriada para crianças pequenas.

Além disso, a possibilidade de interagir de forma livre, fora da mediação do adulto, proporcionou um ambiente no qual as crianças podiam exercer sua própria moderação moral de forma dinâmica. Por fim, o uso de conceitos estruturados e vinculados ao currículo da educação infantil apoia o desenvolvimento acadêmico e cognitivo dos alunos de forma lúdica. Assim, compusemos uma proposta pedagógica que foi capaz de aliar o desenvolvimento moral infantil – com impactos na reflexão e ação moral –, com o aguçamento do olhar sobre o outro e sobre si mesmos, ao mesmo tempo que consideramos os conhecimentos relevantes dessa faixa etária.

Com apenas uma das diversas interações que representam mudanças nas atitudes das crianças ao interagirem umas com as outras dentro da sala de aula, esperamos ter dado visibilidade às inúmeras possibilidades que o trabalho nos proporcionou. Esse é apenas um pontapé inicial de pesquisas e explorações que coloquem a dinamicidade da educação infantil com a estrutura moral robusta do bom trabalho.

Esperamos que este trabalho inspire colegas e pesquisadores a se aprofundarem no bom trabalho e nas possibilidades da integração de seus preceitos com o ensino de valores morais dentro da escola.

REFERÊNCIAS

- Amando, de B. M. (2023). *O bom trabalho na educação infantil: um encontro entre ética, engajamento e excelência*. [Dissertação de Mestrado em Educação, Linguagem e Psicologia]. Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo.
- Berger, R. (2003). *An ethic of excellence: building a culture of craftsmanship with students*. Heinemann.
- Berger, R. (2019). *A culture of quality: a reflection on practice*. EL Education.
- Berger, R. (2020). *We are crew: a teamwork approach to school culture*. EL Education.
- Brasil. (2006). Ministério da Educação. CNE. Resolução CNE/CP n. 1º, de 15 de maio de 2006. Institui diretrizes curriculares nacionais para o curso de graduação em pedagogia, licenciatura. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, p. 11.
- Brasil. (2018). Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. *Portal Base Nacional Comum Curricular*.
- Chia, P. (2011). Doing good in a time of testing: enduring work of public school teachers in Singapore. *The Good Project (site)*. Paper Database.
- Dias, M. C. (1996). Metáfora e pensamento: considerações sobre a importância do jogo na aquisição do conhecimento e implicações para a educação pré-escolar. In K. Tizuko (Org.), *Jogo, brinquedo, brincadeira e educação*. pp. 55-70. Cortez Editora.
- Easley, L. (2014). Does the good work toolkit resonate with low-income youth? *Good work Project Report Series*, 91, 1-38. Paper Database.
- Gandini, L. (1999). Espaços educacionais e de envolvimento pessoal. In Edwards, C., Gandini, L., & Forman, G. (Eds.), *As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância*. pp. 137-150. Artmed.
- Gardner, H., Csikszentmihalyi, M., & Damon, W. (2001). *Good work: when excellence and ethics meet*. Basic Books.
- Immordino-Yang, M. H., Darling-Hammond, L., & Krone, C. (2019). Nurturing nature: how brain development is inherently social and emotional, and what this means for education. *Educational Psychologist*, 54(3), 185-204.
- Malaguzzi, L. (1999). Histórias, ideias e filosofia básica. In Edwards, C., Gandini, L., & Forman, G. (Eds.), *As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância*. pp. 57-98. Artmed.
- Morway, L., et al. (2021). Contemplation and implications for good work in teaching. *Good Work Project Report Series*, 6, n.p. (Trabalho original publicado em 1998).

- Nikitina, Svetlana. (2002). From a community of people to a community of disciplines: the art of integrative Humanities at St. Paul's School. *The good project (site)*. Paper Database.
- Nikitina, S., & Mansilla, V. (2003). Three strategies for interdisciplinary and science teaching: a case of Illinois mathematics and science academy. *Good Work Project Report Series*, 21.
- Pátaro, C., & Arantes, V. (2022). O “bom trabalho” e a formação de pedagogas. *Educação e Pesquisa*, 48, e237778.
- Whitebread, D. (2018). Play: The new renaissance. *International Journal of Play*, 7(3), 237-243.

